André Gadanho
Universidad de Granada, Departamento de Prehistoria y Arqueologia de la Facultad de Filosofía y Letras | Universidade de Lisboa, Centro de Arqueologia (UNIARQ) | Fundação para a Ciência e a Tecnologia
andre_gadanho@hotmail.com
https:// orcid.org/0000-0001-5189-4583

A CERÂMICA DE PAREDES FINAS DE *AUGUSTA EMERITA*: NOVOS DADOS TIPOLÓGICOS A PARTIR DE UM DOS SEUS CONTEXTOS DE PRODUÇÃO

THIN-WALLED POTTERY FROM AUGUSTA EMERITA: NEW TYPOLOGICAL DATA FROM ONE OF ITS PRODUCTION CONTEXTS

"Conimbriga" LXIII (2024) p. 167-187

http://doi.org/10.14195/1647-8657_63_5

Texto recebido em / Text submitted on: 30/09/2023
Texto aprovado em / Text approved on: 16/05/2024

Resumo: Apresenta-se um conjunto de cerâmicas de paredes finas de produção emeritense, provenientes de um contexto de produção identificado na atual cidade de Mérida (Badajoz, Espanha), onde se situava a capital provincial da Lusitânia, *Augusta Emerita*, em época romana. Trata-se de uma produção cerâmica que desde 1975, quando foi publicado *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique* por F. Mayet, que não é alvo de um estudo aprofundado

tanto a nível tipológico como cronológico. Pretende-se com este artigo dar um contributo para a revisão de algumas das formas constantes dessa publicação, bem como dar a conhecer novas morfologias que foram identificadas a partir da análise artefactual deste mesmo contexto.

Palavras-chave: *Lusitania*; Mérida; *figlina*; Alto-Império.

Abstract: This article discusses a collection of thin-walled pottery produced in Augusta Emerita, originating from a production context in the present-day city of Mérida (Badajoz, Spain), which was the provincial capital of Lusitania during the Roman period. These ceramics have not received an in-depth typological and chronological study since 1975 when *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique* by F. Mayet was published. This article aims to contribute to the review of some of the recurring forms within that publication, as well to introduce new morphologies that have been identified throughout the artefactual analysis of this same context.

Keywords: *Lusitania;* Mérida; *figlina*; High Roman Empire.

A CERÂMICA DE PAREDES FINAS DE *AUGUSTA EMERITA*: NOVOS DADOS TIPOLÓGICOS A PARTIR DE UM DOS SEUS CONTEXTOS DE PRODUÇÃO

Introdução

No âmbito de um projeto de Doutoramento[1], que estamos presentemente a realizar sobre as cerâmicas de paredes finas produzidas em *Augusta Emerita*, temos vindo a analisar contextos arqueológicos de produção e consumo desta cerâmica em Mérida (Badajoz, Espanha). Um dos principais objetivos deste estudo passa por atualizar e compilar o seu repertório formal tanto com os novos tipos que têm vindo a ser identificados no decurso das investigações acerca das paredes finas emeritenses, como com outros que permaneçam ainda inéditos e atualizá-lo do ponto de vista tipo-cronológico.

Um desses contextos de produção, conhecido como "a olaria de Constantino", foi uma escavação arqueológica realizada pelo Consorcio Ciudad Monumental de Mérida em 1989 numa artéria da cidade com o mesmo nome. Aqui identificou-se uma quantidade significativa destas cerâmicas em várias fases de fabrico, havendo exemplares que não foram engobados, ou estão deformados e queimados por ação do fogo, ou apresentam defeitos de fabrico, o que terá levado ao seu eventual descarte. Apresentamos aqui parte desses materiais, pelo seu contributo para um melhor conhecimento das características técnicas desta produção, bem como pelos novos dados que fornecem para algumas das tipologias formais que compõem o repertório destas cerâmicas de génese emeritense.

[1] Intitulado "Análise cronoestratigráfica e tipológica das paredes finas emeritenses: contextos de produção e consumo na capital da Lusitânia". É financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através de uma bolsa de investigação para Doutoramento (referência 2021.05218.BD).

Breve sinopse das investigações das cerâmicas de paredes finas emeritenses

As primeiras alusões a um possível espaço de fabrico de cerâmicas finas em solo emeritense, mais propriamente na rua San Salvador, onde terá surgido durante trabalhos de construção um forno para produção oleira, são-nos dadas por Vicente Barrantes na sua obra *Barros Emeritenses* (1877). Mas será apenas nos anos 70 do século XX, com a proliferação dos estudos ceramológicos na Península Ibérica, que surgem novos dados para um maior conhecimento destes materiais, sobretudo impulsionado pela publicação de Françoise Mayet, intitulada *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique* (1975), sobre as produções de cerâmicas de paredes finas presentes em território peninsular. A autora catalogou 11 diferentes tipos para as cerâmicas de origem emeritense (XLIII a LIII), além de alguns outros exemplares, que pelo seu perfil fragmentário colocavam dúvidas quanto à sua atribuição aos tipos anteriores[2]. Mais tarde, viria a denotar que a importância de *Augusta Emerita* passava não só pela sua função político-administrativa, mas também como importante centro produtor de paredes finas e lucernas, com pastas cerâmicas macroscopicamente muito semelhantes, de difusão principalmente provincial (Mayet, 1990).

Um importante avanço no estudo desta produção dá-se aquando da publicação de um contexto identificado na rua Constantino, nº 64 (Rodríguez Martín, 1996a; 1996b). Aí, numa cavidade escavada na rocha, além de carvões e cinzas, exumaram-se lucernas, *terra sigillata*, terracotas e cerâmicas de paredes finas, destacando-se, neste último conjunto, a presença de peças defeituosas. Estas características, conjuntamente com a presença de separadores e tubos em cerâmica, levaram à interpretação deste espaço como local de despejo tanto destes materiais como os provenientes da limpeza de fornos que se situariam nas proximidades (Rodríguez Martín, 1996a: 8). O estudo tipológico deste conjunto determinou uma datação dos reinados de Tibério-Cláudio para o início da produção das paredes finas emeritenses (Idem*:* 155). Quanto ao seu término, terá ocorrido em finais do século I d.C. (Martín Hernández e Rodríguez Martín, 2008: 386). Esta cronologia foi posteriormente contestada, com base em algumas incoerências na análise do espólio, sobretudo pela ausência de uma análise cronoestratigráfica

[2] Que a autora intitulou de "diverses" (Mayet, 1975: Pl. LXXV).

(Bustamante Álvarez, 2011: 163-168). Pelo outro lado, os dados obtidos tanto no estudo cronoestratigráfico de um contexto de lixeira identificado na rua Almendralejo nº 41 (Idem: 164-168), bem como numa intervenção onde se identificou um forno para produção desta cerâmica (Barrientos Vera, 2007), sugerem uma cronologia ligeiramente mais tardia, em torno de 50-60 d.C., para o seu aparecimento em contextos de consumo. O volume começa a decair em inícios do século II, desaparecendo do registo arqueológico na 2ª metade da mesma centúria (Bustamante Álvarez, 2011: 169-170).

Já a parte tipológica tem sido menos trabalhada, à exceção dos textos publicados com base nos materiais da rua Constantino, com os novos tipos que aí surgiram a serem catalogados com uma nova numeração própria, à parte da de F. Mayet (Rodríguez Martín, 1996a, b; Martín Hernández; Rodríguez Martín, 2008). Desde então, a investigação sobre as cerâmicas de paredes finas emeritenses tem sido praticamente inexistente, embora os trabalhos arqueológicos desenvolvidos ao largo dos últimos 20 anos na cidade de Mérida tenham providenciado vastos conjuntos cerâmicos e que podem contribuir para uma revisão tipo-cronológica desta produção.

O contexto da "olaria de Constantino"

A realização de sondagens arqueológicas, em dezembro de 1989, num terreno relativamente próximo do rio Guadiana e localizado na confluência das ruas Concejo e Constantino, trouxeram à luz do dia, à profundidade de 4 metros em relação ao nível de circulação atual e selada por um pavimento de ladrilhos, uma fossa de planta irregular, com 3,60 m de profundidade. Foi escavada no substrato geológico, aproveitando um desnível na rocha aí existente e alargada de forma a acolher os detritos que então a colmataram: uma unidade estratigráfica relativamente homogénea, composta por sedimento arenoso de cor alaranjada, com presença de carvões, fragmentos de estuque e uma profusa quantidade de material cerâmico. O autor da escavação refere que "en un espacio aproximado de 2 x 0,5 x 1 mts. se pudieran recoger unos 25 kgms. de fragmentos - implica la localización de un vertedero" (Alvarado Gonzalo, 1989). Destaca ainda a proximidade deste contexto a um outro, situado a escassos metros de distância no fim da rua Oviedo,

onde D. José Alvárez y Sáenz de Buruaga terá identificado parte de um forno (Alvarado Gonzalo e Molano Brías, 1996: 281).

No vasto grupo cerâmico exumado, destaca-se a presença de fragmentos de *terra sigillata*, terracotas, pesos de tear, lucernas, cerâmica comum e de paredes finas. Evidenciam-se, sobretudo nas três últimas categorias, que correspondem à maior parte deste conjunto cerâmico, peças defeituosas ao nível do seu fabrico, com exemplares deformados e com má cozedura, e do seu acabamento, possuindo engobes de má qualidade ou mesmo inexistentes, com concreções e alterados por ação do fogo. Estas evidências, em conjunto com a descoberta de uma outra lixeira com as mesmas características (Rodríguez Martín, 1996a) e de várias estruturas de combustão para produção de cerâmicas (Barrientos Vera, 2007), contextos localizados a escassas dezenas de metros deste lugar (Fig. 2), vêm reforçar a ideia de estarmos perante uma *figlina* onde se poderiam produzir cerâmicas de paredes finas.

O conjunto encontrava-se em grande medida inédito, já que apenas foi publicado pelo signatário da escavação uma pequena parte da cerâmica comum de produção local, onde é descrito de forma sumária o contexto da intervenção (Alvarado Gonzalo e Molano Brías, 1996). O relatório da mesma é também muito breve, não detalhando a estratigrafia do sítio (Alvarado Gonzalo, 1989). Por isso, embora os materiais se encontrassem armazenados com a identificação da unidade estratigráfica de onde procedem, não foi possível estabelecer uma relação entre as mesmas, por ausência dessa mesma informação.

Em relação à cronologia deste contexto, a presença das formas de *terra sigillata* sudgálica dos tipos Dragendorff 15/17, 24/25, 27 e 36; dos tipos Drag. 15/17, 27, 35/36 e da forma decorada Drag. 37 de La Rioja, pressupõem uma cronologia geral *post quem* de época flávia para o momento de descarte deste conjunto cerâmico (Genin, 2007: 337; Bustamante Álvarez, 2010: 309, 428).

O espólio

Trata-se de um vasto conjunto de cerâmica de paredes finas de produção emeritense, tendo-se isolado um total de 2429 fragmentos, que resultaram em 1548 exemplares, após contabilização do Número Mínimo de Indivíduos (NMI). Estes distribuem-se, sobretudo, por várias formas cons-

tantes da tipologia de F. Mayet (1975), nomeadamente as Mayet XLIII a XLVI e L a LIII. Tendo em conta o objetivo do presente artigo, iremos centrar-nos sobretudo em tipos que nesta etapa da investigação proporcionam novos dados, sobretudo a nível tipológico, para esta produção.

A primeira forma que vamos abordar neste texto é a Mayet XLIII. Trata-se de uma tigela carenada, de bordo de perfil circular mais ou menos saliente, que pode ser ou não provida de asas e decorada com roleta, com recurso à técnica de barbotina ou apresentar-se sem qualquer tipo de decoração. À semelhança do que sucede na obra supracitada, é a forma mais comum do contexto, com 649 indivíduos (41,9% do total do conjunto). Em termos tipológicos, seguem em grande medida as características elencadas pela investigadora, bem como em termos decorativos: 92,3% estão decorados, tanto com decoração roletada (mais comum) ou com recurso à técnica de barbotina, sendo os restantes desprovidos de decoração. Há, no entanto, dois exemplares que poderão eventualmente constituir uma variante menos comum desta forma, por apresentarem o bordo virado para o exterior (Fig. 3, nºs 1-2), em um dos casos bastante semelhante aos presentes na forma XLVI (nº 1); não lhes foi aplicado engobe e têm decoração roletada. Seguidamente, destacam-se também neste conjunto outras duas variantes da forma XLIII, que são ilustradas no catálogo elaborado por Mayet com os números 543 e 544, classificando-as como variantes desta forma por apresentarem características morfológicas distintas (Idem: 103, *Pl.* LXV). No primeiro caso, a parede da parte superior da carena é mais alta do que nos restantes exemplares deste tipo, apresentando duas faixas com decoração roletada, separadas por uma faixa lisa e por duas molduras, além de uma outra abaixo da carena. O segundo, além da decoração roletada em duas faixas intervaladas por molduras e uma banda lisa como no exemplo anterior, possuí o bordo virado para o interior e a carena baixa. De realçar que estas duas tigelas foram engobadas em tons alaranjados, o que não acontece com os exemplares que aqui apresentamos. No caso de apenas se possuir fragmentos da zona do fundo, como é aqui o caso, a característica que eventualmente distingue as duas variantes é a existência ou não da referida moldura abaixo da carena. Temos então para a primeira variante apenas dois indivíduos, que correspondem a fragmentos da zona do fundo, sem engobe e com decoração roletada (nºs 3-4). O exemplar analisado por F. Mayet tem 3.5 cm de diâmetro de fundo, sendo que aqui estes dois exemplares são ligeiramente de maiores dimensões, com 4.6 e 5 cm.

Existem 17 exemplares para a segunda variante; nove têm decoração roletada e os restantes não são decorados, todos novamente sem engobe à exceção de um; os diâmetros variam entre 7 e 10 cm (nºs 5-7). O exemplar depositado no Museu de Mérida tem apenas 5.4 de diâmetro o que indica que existirá uma maior diversidade, em termos de dimensões deste recipiente, do que se conhecia até agora.

A tigela do tipo Mayet XLIV foi primeiramente distinguida da antecessora pelo seu perfil arredondado ou hemisférico e sem asas, embora mantendo o mesmo tipo de bordo e as molduras na zona inferior da peça, além da temática decorativa, o que torna difícil a diferenciação entre os tipos quando estamos perante um fragmento que apenas conservou a zona do bordo[3] (Idem: 99). Foi possível isolar oito indivíduos, dos quais se distinguem três por apresentarem uma característica díspar das preconizadas *supra*, nomeadamente a presença de asas. A uma das peças foi-lhe aplicada engobe de tons laranja-acastanhado com brilho metálico nas duas superfícies, exibindo marcas de exposição ao fogo, certamente causadas durante o processo de fabrico e provida de asa em fita com canelura central e também roletada (Fig. 3, nº 8). Para as restantes, que apenas conservam os arranques da asa, não estão engobadas e uma tem a mesma decoração (nº 9), sendo a outra lisa (nº 10). Parece-nos tratar-se de uma variante desta forma desconhecida até ao momento e que por isso terá tido, eventualmente, pouca difusão no mercado[4].

A forma XLVI, um cálice de bordo oblíquo cuja parede, alta e oblíqua, se vai estreitando em direção ao fundo da peça, terminando com um pé moldurado, foi caracterizada por F. Mayet como sendo uma das mais raras dentro da produção de cerâmicas de paredes finas emeritenses (Idem: 109-110). Efetivamente, apenas um exemplar foi inventariado pela investigadora, com engobe nas duas superfícies e 9.2 cm de diâmetro, sendo proveniente de uma necrópole do Alto Alentejo datada de época flávia (Idem: 109-110), o que está em concordância com a cronologia geral deste contexto emeritense. Aqui identificámos 46 exemplares, sendo que a maior parte não foi engobada (30). Tudo indica que será uma forma exclusivamente decorada com roleta, que é o

[3] Constatámos essa mesma dificuldade na nossa análise do conjunto, o que levou a que 470 exemplares com maior grau de fragmentação tivessem que ser inevitavelmente classificados como Mayet XLIII/XLIV.

[4] Num outro contexto arqueológico da cidade de Mérida, atualmente ainda em estudo, identificámos pelo menos mais 2 exemplares do tipo Mayet XLIV com asas.

motivo empregue em todas as peças que têm um perfil suficientemente conservado ao nível da parede. Apenas temos um exemplar parcialmente completo, não se tendo conservado a zona do pé (Fig. 3, nº 11, com 13 cm de diâmetro). A variação de diâmetros aqui presentes, entre 8 e 13 cm, denuncia alguma diversidade ao nível das dimensões destes cálices (nº 12 com 8.5 e nº 13 com 10 cm de diâmetro).

A taça Mayet L, segundo esta autora, corresponde a um recipiente de grandes dimensões, sendo que o representado na sua publicação, proveniente das reservas do Museu Arqueológico de Mérida, tem 24 cm de diâmetro; o bordo é vertical e ligeiramente espessado com uma canelura, estando a parede decorada com roleta em duas faixas. Esta forma apresenta duas características muito próprias: duas asas planas e horizontais, que teriam uma função mais decorativa do que funcional, embora pudesse auxiliar no processo de esvaziamento do seu conteúdo, e um bico vertedor semicircular, colocado abaixo do bordo (Idem: 111). Identificámos 106 exemplares (NMI) desta forma, onde é possível constatar que se trata de uma forma que apresenta características morfológicas bastante diversificadas, nomeadamente ao nível do tipo de bordo, perfil da parede e da asa. A nível de engobes, que são normalmente na gama do laranja-acastanhado com brilho, por vezes metálico, estando aplicado nas duas superfícies em 74 e apenas no interior em 28, sendo que em três não há quaisquer vestígios de revestimento. Duas destas peças não engobadas não foram igualmente roletadas (Fig. 14, nº 14, com 20 cm de diâmetro exterior), sendo que uma tem também a asa na vertical (nº 16, com 15 cm de diâmetro exterior). Há um outro exemplar com este atributo, por sua vez decorado e engobado no interior (nº 18, com 25 cm de diâmetro exterior). Pela sua quase nula representatividade no conjunto, já que em 30 exemplares que conservam a asa esta tem perfil horizontal, poderá tratar-se de uma característica introduzida pelo(s) oleiro(s), com o objetivo de facilitar o processo de esvaziamento dos líquidos, conceito que, aparentemente, não terá tido uma maior disseminação na cadeia operatória da olaria. Temos exemplares com diâmetros que variam entre os 10 e os 34 cm, havendo uma maior concentração de exemplares com 12 a 19 cm de diâmetro (68 exemplares; nºs 15 e 17, com 13 e 14 cm de diâmetro exterior, respetivamente); a partir dos 20 e até aos 33 cm existem apenas 27 indivíduos (nº 19, com 33 cm de diâmetro exterior). Os bordos são geralmente em aba, com uma ou duas caneluras ou simples, podendo ter uma orientação horizontal ou inclinada.

Seguimos com quatro grupos de exemplares que foram listados com os números de catálogo 633 a 636 em *Céramiques à parois fines* por, como referimos anteriormente, a autora desta obra se questionar se estes exemplares poderiam ou não ser inseríveis em algum dos tipos XLIII a LIII. O tipo 634 é descrito como um recipiente fundo com a parede levemente arqueada, de 12.8 cm de diâmetro; o bordo, com uma reentrância na parte interior, é curvado e virado para o exterior (Idem: 116; *Pl*. LXXV, nº 634). Os dez exemplares que temos e que são enquadráveis neste tipo variam entre os 12 e os 20 cm de diâmetro, constituindo-se por isso como tigelas/taças conforme a sua dimensão (Fig. 4, nº 21, com 12 cm de diâmetro; nºs 20 e 23 com 20 cm de diâmetro exterior). Só um exemplar é engobado nas duas superfícies (nº 22, com diâmetro de 18 cm), tal como o que é ilustrado na obra referida anteriormente; os restantes apresentam engobe apenas na superfície interior. É bastante provável que a concavidade interna do bordo servisse de apoio para uma tampa, nomeadamente um dos tipos que analisaremos *infra*. A outras duas peças atribuímos a designação de Mayet 633/634, por terem características de ambas: a morfologia dos bordos é em tudo idêntica ao da 634, incluindo a depressão interna, no entanto o perfil das paredes, mais aberto, denuncia uma tigela/taça menos profunda, enquadrando-se por isso mais na 633 quanto a esse aspeto (Idem: 116; *Pl*. LXXV, nº 633). Temos valores de diâmetro na ordem dos 12 e 18 cm (Fig. 5, nºs 24 e 25, respetivamente). Tratam-se, portanto, de dois tipos praticamente inéditos até ao momento[5], além dos ilustrados em 1975, para os quais ainda não se identificaram perfis completos, o que iria certamente contribuir para melhor caracterizar a nível formal este vaso. Esperamos que a continuação da análise dos contextos produtivos e de consumo de *Augusta Emerita* e consequentemente, a identificação de mais exemplares, possa aclarar esta nova forma de cerâmica de paredes finas emeritenses do ponto de vista tipológico.

As formas Mayet 635 e 636, que esta autora encontrou, mais uma vez, em estado fragmentário no Museu Arqueológico de Mérida, são descritas como pequenas tigelas, com 11.6 e 10.4 cm de diâmetro exterior, respetivamente. Os perfis dos bordos, em aba larga encurvada para o exterior, no primeiro caso, ou mais curta e arqueada, no segundo caso, seriam características idênticas às Drag. 35/36 de produção hispânica (Idem: 116; *Pl*. LXXV nºs 635 e 636). R. Martín apresenta dois exem-

[5] Na rua Constantino nº 64, existe somente um exemplar de Mayet 634, também bastante fragmentado (Rodríguez Martín, 1996a: 23; fig. 190, nº8).

plares em tudo idênticos aos anteriores, sendo que um tem asa de perfil circular que serviria de pega, o que inevitavelmente leva a uma reinterpretação da sua funcionalidade como tampas (Rodríguez Martín 1996a: 34, forma XIII); cremos que os exemplares da rua Constantino / rua Concejo, apesar de também incompletos, coadunam-se em grande medida com esta classificação. Os cinco exemplares que temos do tipo 635 (Fig. 5, nºs 26-28), e os três do 636 (nº 29), que distinguimos a partir da morfologia do bordo ou seja, se é uma aba larga ou mais fina e encurvada, estão todos engobados, na maior parte dos casos de má qualidade e baços. As medidas dos diâmetros exteriores entre os dois grupos são muito semelhantes: entre 12 a 14 no primeiro e 11 a 14 cm no segundo. Apesar de ser um conjunto relativamente pequeno, parece-nos que são duas formas muito estandardizadas, apenas diferindo, mais uma vez, na morfologia de bordo, conforme se a aba é mais ou menos espessa, ou mais ou menos encurvada, o que causa as ligeiras variações de diâmetro que apresentam. Quanto à sua funcionalidade como tampa, podemos hipoteticamente pensar que serviriam de cobertura a várias tigelas, como as Mayet XLIII/XLIV, ou as LIII, permitindo a conservação/preservação do conteúdo do seu interior.

Além das formas Mayet 635/636, temos ainda outros dois tipos de tampas presentes no contexto. Os exemplares da primeira apresentam bordo vertical, que termina numa pega de perfil anelar. A parede oblíqua pode ter uma ou duas caneluras e decoração roletada (esta última apenas em dois exemplares) (Fig. 5, nºs 32 e 33). Outra particularidade é que nenhum dos 25 indivíduos tem engobe aplicado; os diâmetros exteriores vão dos 8 aos 12 cm (nºs 30 a 33 com 8, 9, 10 e 11 cm de diâmetro, respetivamente). Tipologicamente, trata-se de um perfil que se aproxima, em parte, às tampas do tipo Mayet XLIX (Mayet, 1975: 110), que por sua vez, têm pega de perfil triangular e o bordo arqueado para o interior. Mais uma vez, a ausência de exemplares semelhantes publicados coloca-nos algumas dúvidas quanto à sua atribuição tipológica. Poderemos estar perante uma variante simplificada da forma XLIX, ao nível da pega e perfil do bordo, o que explicaria também a baixa frequência de exemplares decorados. Por outro lado, a ausência desta leva-nos também a pensar na possibilidade que a que aqui está presente possa constituir uma forma independente, ou tratar-se meramente de uma questão crono-tipológica, com uma a suceder-se cronologicamente à outra. Novamente, à semelhança do caso anterior, faria

par com recipientes de pequena dimensão, nomeadamente os referidos *supra*. Por último, com sete exemplares, temos a tampa de bordo com pé. Partilha, com a anterior forma, a decoração roletada (presente em cinco indivíduos) (Fig. 5, nºs 35 e 36) e o perfil do fundo, também anelar (nº 34, 3.5 cm de diâmetro). É menos estandardizada em termos de dimensões, indo desde os 12 (nº 37), até aos 20 de diâmetro exterior (nº 35). Quanto ao engobe, todas têm revestimento na superfície interior, à exceção de uma, que está nas duas superfícies. Quanto à sua utilização, podemos pensar em recipientes de grandes dimensões, caso de algumas das Mayet L, por exemplo, onde as caneluras do bordo poderiam servir de apoio. Não é de descartar, porém, a sua compatibilidade com recipientes menores, no caso das tampas de menor envergadura.

Um reduzido número de peças apresenta bordo em aba, tendo sido divididos em pratos e tigelas, conforme os diâmetros e profundidades das mesmas, tendo resultado em quatro exemplares para cada tipo. Três dos pratos têm entre 20 e 22 cm de diâmetro exterior (Fig, 6, nºs 38 e 40, respetivamente), estando engobados nas duas superfícies, com o exterior bastante queimado em duas ocorrências; o outro tem 16 cm e engobe apenas no interior (nº 39). Apenas uma tigela tem decoração, que é roletada, sendo também a única provida de asas (nº 41). É também a mais pequena do conjunto, com 10 cm de diâmetro exterior e não foi engobada, tal como outro exemplar, que tem 13 cm. Os restantes dois, engobados nas duas superfícies, têm 14 cm de diâmetro.

As imitações de formas de *terra sigillata* em cerâmica de paredes finas são já conhecidas a partir do espólio da rua Constantino, nº 64, onde justamente vamos encontrar paralelos para os que aqui analisamos (Rodríguez Martín, 1996a; 1996b)[6]. Temos presentes apenas um exemplar de imitação do prato Drag. 18 (nº 42); dois da forma Hisp. 10 (nº 44); e outros três do cantil circular do tipo Déch. 63 da produção sudgálica, ou da Hisp. 13 de origem hispânica (45 e 46), já que a inexistência de quaisquer motivos decorativos impossibilita a identificação de qual dos *ateliers* terá servido de inspiração.

Terminamos a análise destes materiais com um tipo de cerâmica de paredes finas que se distingue dos anteriores pela sua função votiva e cultual. Trata-se de um conjunto de cinco terracotas fabricadas com

[6] F. Mayet também alude à presença de exemplares de imitação da forma Drag. 27, em pasta de paredes finas, no Museu emeritense, embora não as ilustre (1975: 144) e que, por sua vez, estão presentes na rua Constantino (Rodríguez Martín, 1996a: 27).

a mesma técnica das paredes finas, ao nível dos engobes e das pastas. O exemplar mais bem preservado, revestido com um engobe laranja-a-castanhado com um brilho metálico, não conserva as zonas do pedestal, da mão esquerda e da cabeça (nº 47). Alguns dos atributos presentes, como a mão direita a segurar uma lança, ou o medalhão ao peito que representaria a Górgona, remetem para a divindade Minerva. Os outros três fragmentos são da zona do pedestal da figura, sendo que em um é possível visualizar os pés e parte do escudo que a divindade seguraria (nº 48); apenas um destes fragmentos não foi engobado. Pelas características comuns a todas as peças, nomeadamente dos pedestais, poderão ter sido todas executadas a partir de um mesmo molde. Este tipo de terracotas é frequente em contextos funerários de *Augusta Emerita* (Gijón Gabriel, 2004); foi também identificado num depósito votivo intervencionado em Badajoz, publicado recentemente (Bustamante Álvarez *et al.*, 2022: 168-170). Em outro contexto na região de Badajoz, também caracterizado como votivo, entre vários exemplares da deusa Minerva surgiu inclusive um com uma inscrição no pedestal aludindo a um oleiro de nome *Marcus* (Gómez-Pantoja e Prada Gallardo, 2000: 391-392). O último exemplar, com a pasta sobrecozida e sem engobe, consiste num reverso de uma figura desconhecida.

Considerações finais

Este estudo da produção de cerâmicas de paredes finas emeritenses está presentemente ainda em curso, mas os dados obtidos até este momento indicam-nos que a tipologia definida por F. Mayet, embora constitua indiscutivelmente o alicerce tipológico desta produção é, efetivamente, mais diversificada a nível formal, pelos vários exemplos que aqui apresentámos.

Nesta olaria, que eventualmente se situaria nas proximidades da atual rua Constantino, o repertório cerâmico aqui produzido, inédito até agora, apresenta tendências muito próprias, que vão além das já conhecidas formas inicialmente publicadas em 1975 por F. Mayet e posteriormente atualizadas por G. Rodríguez Martín (1996b). Destacam-se, pela sua expressividade estatística, as tampas de bordo vertical e com pé; em menor número, temos as tigelas/pratos de bordo em aba, as imitações de *terra sigillata* e as terracotas. A nível técnico, facilmente encontramos

aqui exemplares pertencentes ao tipo Mayet L e a algumas das tampas, em que a espessura das paredes ultrapassa os 2.5-4 mm, os valores mais comuns patentes em cerâmicas de paredes finas de época alto-imperial (Mayet, 1975: 3-4). Na realidade, verifica-se que muito frequentemente os valores superam os 3 mm, incluso ultrapassando os 5 em alguns casos. É algo que confere uma característica muito própria a esta produção, distanciando-a neste aspeto, por exemplo, das produções béticas. Da mesma forma, o fabrico de exemplares que replicam de uma maneira muito fiel outras categorias cerâmicas, nomeadamente a *terra sigillata,* além de serem também feitas terracotas com uma finalidade votivo-religiosa, são outras duas particularidades das cerâmicas de paredes finas emeritenses. A ausência de engobe em várias peças, aparentemente sem qualquer defeito de produção, é outra questão em aberto: trata-se de um produto inacabado e por algum motivo descartado, ou eram comercializadas indistintamente tanto com ou sem engobe? A explicação poderá passar pela análise de contextos de consumo e perceber qual é o rácio destas últimas, se presentes, face aos exemplares engobados.

Sumarizando, os dados recolhidos neste contexto de descarte de materiais provenientes da laboração de uma olaria, apontam para uma produção cerâmica muito distinta, com um repertório formal que vai além dos *vasa potoria* ou seja, de recipientes para beber, através dos cálices e tigelas das formas Mayet XLIII, XLIV e XLVI; e para transporte e verter líquidos (Idem: 5-6), como são os casos da taça com vertedor e as jarras dos tipos Mayet L, LI e LII, respetivamente. Como elemento auxiliar deste conjunto, temos agora e pela primeira vez dois diferentes tipos de tampas que, como já aludimos, serviriam para conservação do conteúdo desses referidos recipientes. Apenas a continuidade do estudo desta produção, sobretudo com base em contextos de consumo permitirá aferir quais destas formas, especialmente as de menor representação estatística, terão tido realmente projeção nos mercados de abastecimento.

Agradecimentos

Agradecemos ao Consorcio Ciudad Monumental de Mérida, em especial ao Luis Hidalgo-Martín e à Ana Bejarano Osorio, pela sua disponibilidade e facilidade no acesso aos materiais em estudo.

Bibliografia

Alvarado Gonzalo, Manuel; Molano Brías, Juana (1996) – Aportaciones al conocimiento de las cerámicas comunes altoimperiales en Augusta Emerita: el vertedero de la calle Constantino, *in* Aquilué Abadias, Javier e Roca Roumens, Mercedes, eds. – *Ceràmica comuna romana d'època altoimperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió, Monografies Emporitanes VIII,* Barcelona, pp. 281-297.

Barrientos Vera, Teresa (2007) – Una figlina emeritense extramuros del siglo I d.C. y la ocupación funeraria del espacio en épocas bajoimperial y andalusí. Intervención arqueológica realizada en el solar n.º 19 de la calle Concejo, Mérida, *Mérida Excavaciones Arqueológicas, 2004. Memoria 10*, pp. 371-409.

Bustamante Álvarez, Macarena; González Blas, Alejandro; Mateos Cruz, Pedro; Pizzo, Antonio (2022) – Un depósito votivo excepcional en *Contributa Iulia Ugultunia* (Medina de las Torres, Badajoz), *Spal,* 31, 2, pp. 137-183.

Bustamante Álvarez, Macarena (2010) – *Terra sigillata hispánica en Augusta Emerita (Mérida, Badajoz). Valoración tipocronológica a partir de los vertederos del suburbio Norte*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Cádiz. Edição policopiada.

Bustamante Álvarez, Macarena (2011) – Nuevas consideraciones cronológicas en torno a la producción de paredes finas emeritenses, *Zephyrus*, LXVII, pp. 161-170.

Martín Hernández, Esperanza; Rodríguez Martín, Germán (2008) – Paredes finas en la fachada mediterránea de la Península Ibérica y las Islas Baleares, *in* Bernal Casasola, Dario; Ribera I Lacomba, Albert, eds. – *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Universidad de Cádiz, pp. 385-406.

Genin, Martine, dir. (2007) – *La Graufesenque (Millau, Aveyron), vol. II*, *Sigillées lisses et autres produtions)*, Aveyron: Éditions de la Féderation Aquitania (Col. *Études d'Archéologie Urbaine*).

Gijón Gabriel, Eulalia (2004) – Las terracotas figuradas del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida*, Cuadernos Emeritenses*, 24, Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

Gómez-Pantoja, Joaquín; Prada Gallardo, Alicia (2000) – Las terracotas del cerro de San Pedro (Valencia del Ventoso, Badajoz), *Hant,* 24, pp. 383-409.

Mayet, Françoise (1975) – *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique,* Paris: Diffusion du Bocard / Publication du Centre Pièrre Paris (E.R.A.; 552).

Mayet, Françoise (1990) – Méride: capitale économique?, *in Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchie et territoires (table ronde internacionale du CNRS, le 8-9 Décembre 1988)*, Paris, pp. 207-212.

Rodríguez Martín, Germán (1996a) – Materiales de un alfar emeritense: paredes finas, lucernas, sigillatas y terracotas, *Cuadernos Emeritenses*, 11. MNAR.

Rodríguez Martín, Germán (1996b) – La cerámica de paredes finas en los talleres emeritenses, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, XXXII, pp. 138-180.

Relatórios de escavação

Alvarado Gonzalo, M. (1989) – *Informe sobre los sondeos realizados en el solar n.º 14* (calles Constantino/Concejo).

FIG. 1 - *Localização de Mérida na Península Ibérica (elaborado no software Google Earth pelo próprio).*

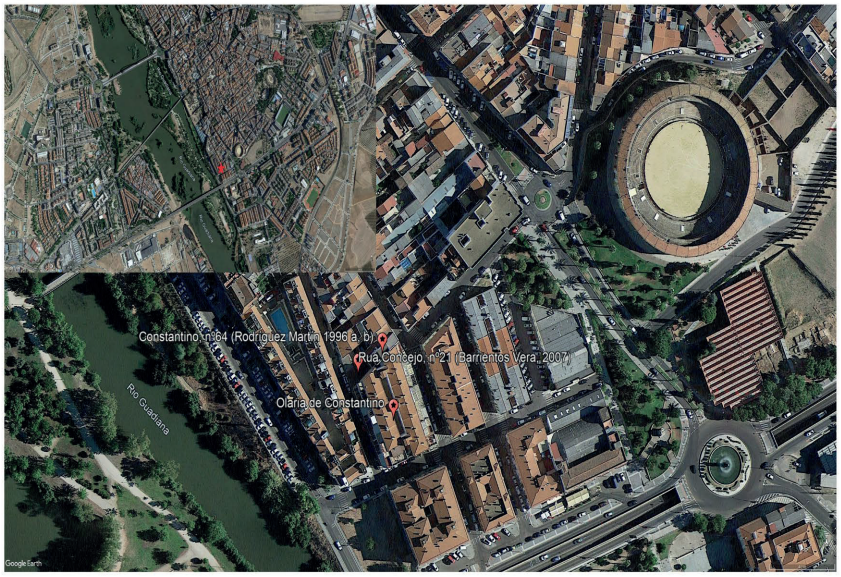

FIG. 2 - *Localização dos contextos de produção de cerâmicas de paredes finas emeritenses referidos no texto (elaborado no software Google Earth pelo próprio).*

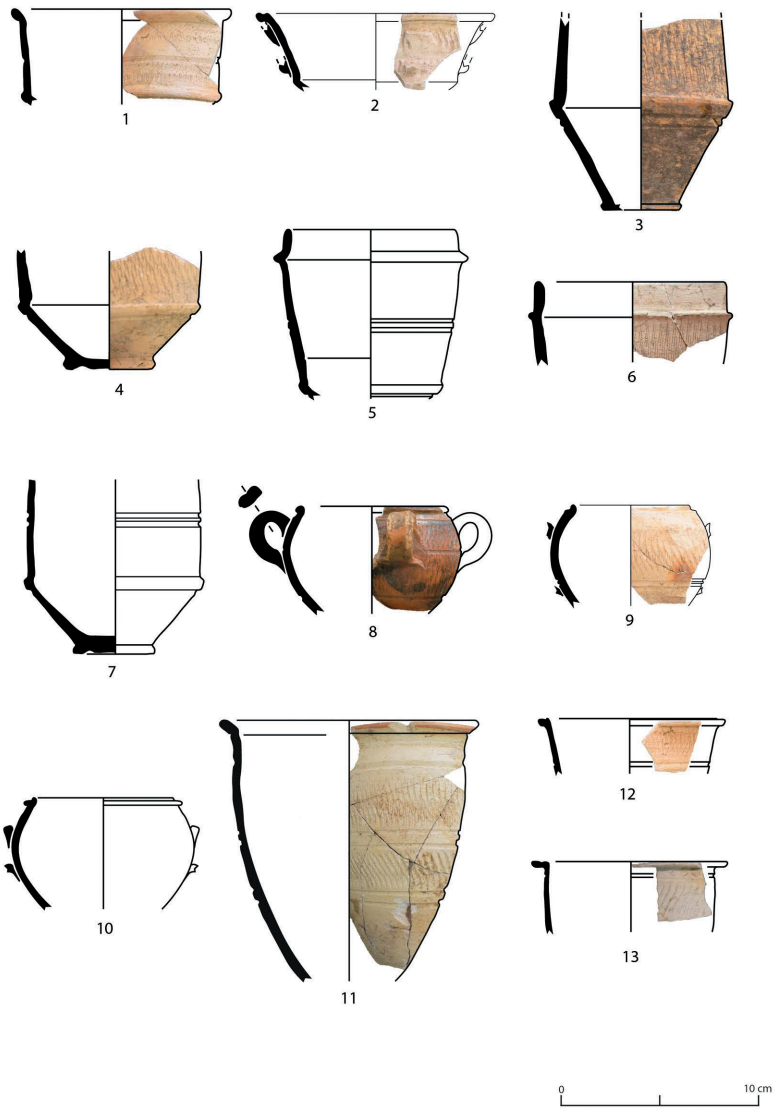

FIG. 3 - *Formas Mayet XLIII variante (nºs 1-2), Mayet XLIII variante 543 (3-4), Mayet XLIII variante 544 (5-7), Mayet XLIV variante com asas (8-10), Mayet XLVI (11-13) (elaboração do autor).*

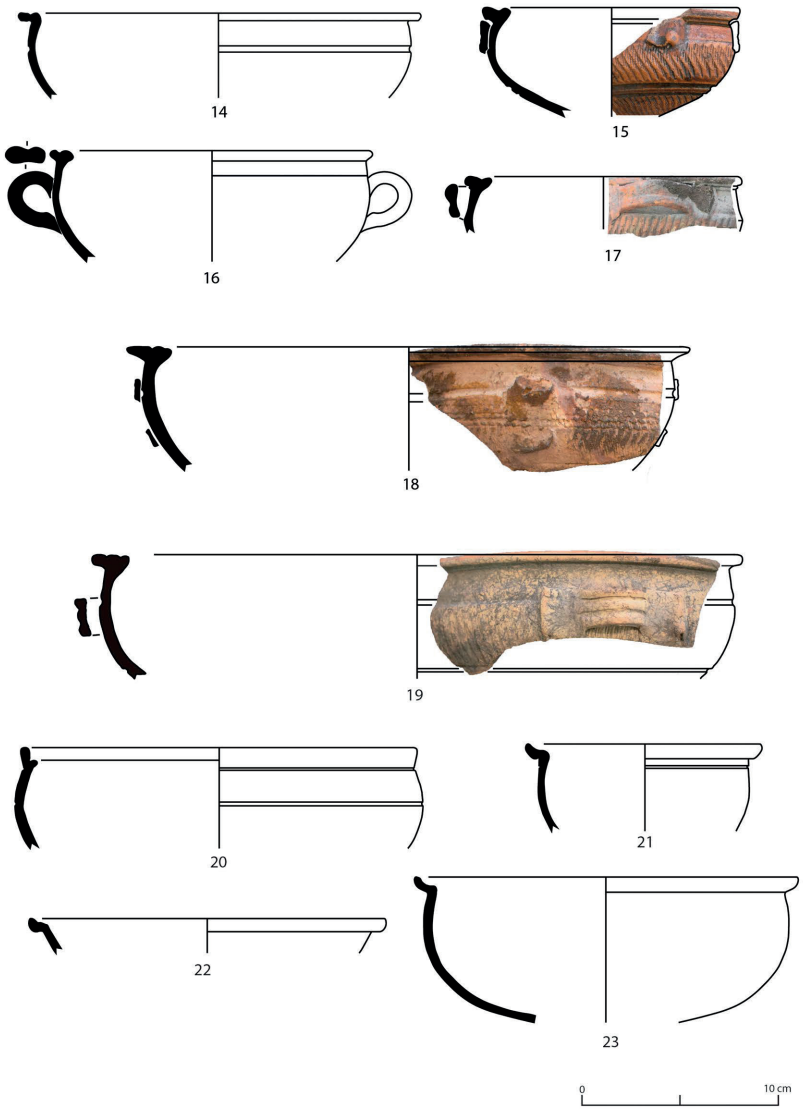

FIG. 4 - *Formas Mayet L (nºs 14-19), Mayet 634 (20-23) (elaboração do autor).*

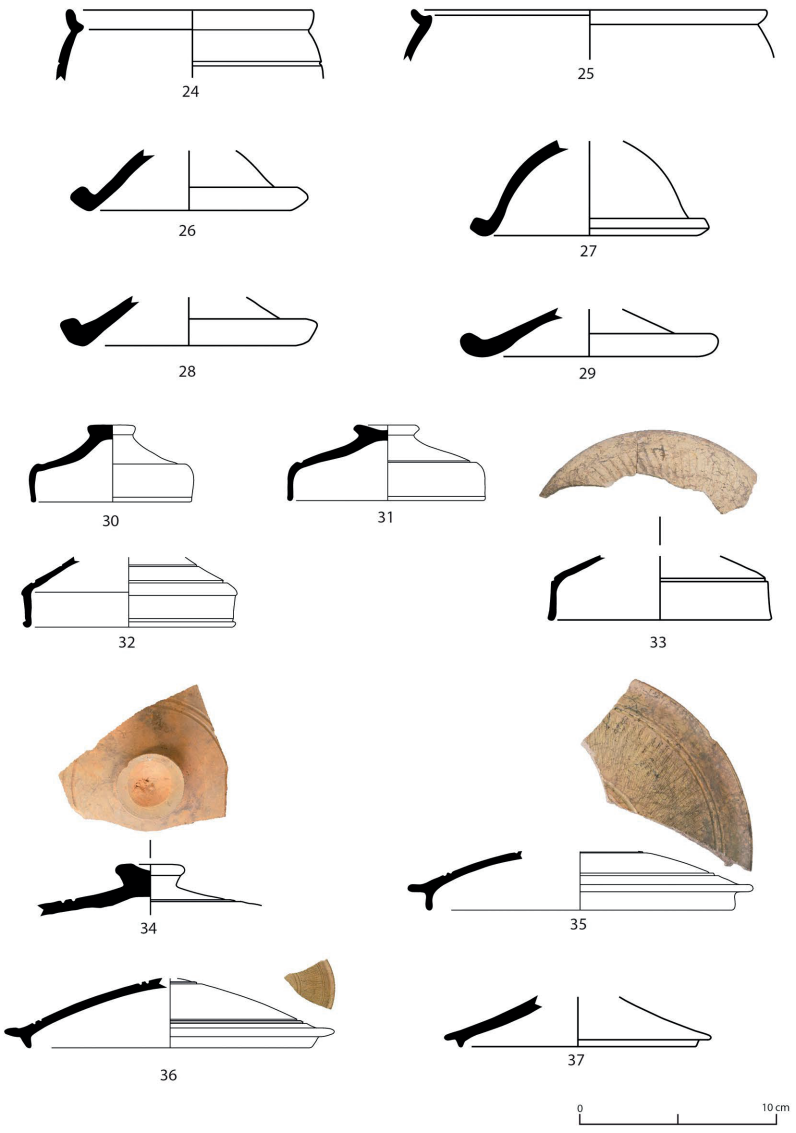

FIG. 5 - *Formas Mayet 633/634 (nºs 24 e 25), Mayet 635 (26-28), Mayet 636 (29), tampa de bordo vertical (30-33), tampa de bordo com pé (34-37) (elaboração do autor).*

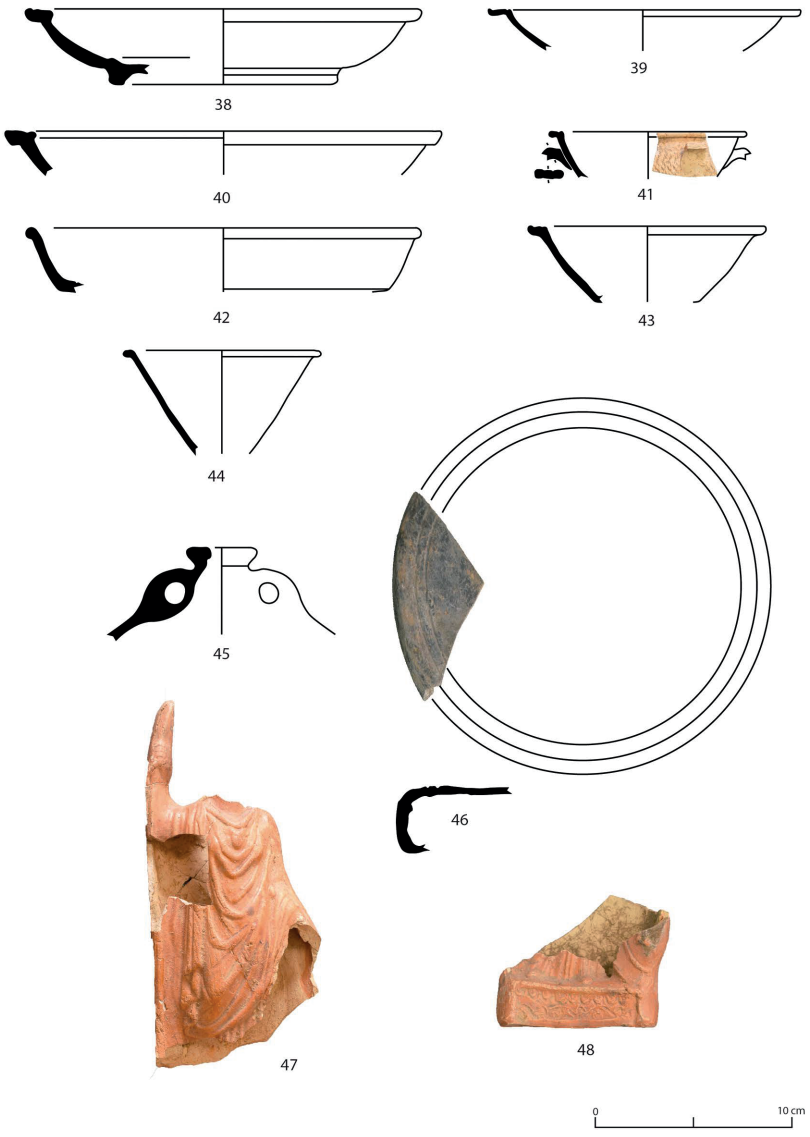

FIG. 6 - *Pratos (nºs 38-40) e tigelas com aba (41 e 43), imitações da forma Drag. 18 (42), da Hisp. 10 (44), da Déch. 63/Hisp. 13 (45-46) e terracotas (47-48) (elaboração do autor).*